

O ENSINO DA ARQUITETURA DO BRASIL

SOUZA, Cássia Rafaela Brum¹

RESUMO

O trabalho apresenta o início do ensino de Arquitetura no Brasil, sua contextualização histórica, fases e processos até os dias atuais, paralelamente constituídos por fatores econômicos. Revela o crescimento expressivo dos cursos de Arquitetura pelo país, e analisa a qualidade do ensino e os fatores que contribuem para o mesmo, apontando através da apresentação de dados a atuação de profissionais na docência, área cada vez mais procurada por arquitetos que trabalham de forma autônoma. Apresenta dois focos de ensino: o disciplinar e o universitário. Sendo o disciplinar focado no ensino pragmático, baseado em teorias, fundamentos e transmissão de informações e o universitário que inclui no ensino disciplinas acadêmicas integrantes de outras áreas de ensino universitário para a formação do estudante de arquitetura e inserção do mesmo na cultura universitária. Seguindo com conclusões de como os profissionais de arquitetura devem agregar mais valor ao futuro com sua produção arquitetônica, utilizando o ensino de arquitetura e a educação que apóia e dá à luz ao futuro da profissão como forma de provar que ela tem sua relevância para tal feito.

PALAVRAS-CHAVE: Arquiteto, Ensino de Arquitetura, Profissão, Projeto.

TEACHING ARCHITECTURE IN BRAZIL

ABSTRACT

The paper presents the beginning of the school of Architecture in Brazil, its historical context, phases and processes to the present day, consisting of parallel economic factors. Reveals the significant growth of the country Architecture courses, and analyzes the quality of teaching and the factors that contribute to it, pointing through the presentation of data in the performance of professional teaching, an area increasingly sought by architects who work unattended. Shows two foci of teaching: the disciplinary and university. Being the discipline focused on teaching pragmatic, based on theories, fundamentals and transmission of information and that includes university teaching academic subjects participants from other areas of university education for the training of students of architecture and insert the same in the university culture. Following findings with professionals like architecture should add more value to the future with his architectural production, using the teaching of architecture and education that supports and gives birth to the future of the profession as a way to prove that it has relevance to such a feat.

KEYWORDS: Architect, Architectural Education, Profession, Project.

INTRODUÇÃO

Como ensinar Arquitetura está se tornando um grande desafio no dias atuais, devido à quantidade de mudanças tanto comportamentais quanto projetuais, faz-se necessário uma análise de como este ensino teve início, suas fases, processos, reformas, chegando aos dias atuais, onde podemos identificar quem são os profissionais que atuam no mercado, bem como o que este mercado espera dos profissionais recém formados, e o perfil dos clientes os quais, grande parte incluem-se nas recentes gerações, com outro perfil e outras necessidades básicas. Enfim, o mundo globalizado trouxe inúmeras mudanças tanto na forma de ser, ensinar, relacionar, trabalhar e viver. E seu reflexo pode ser traduzido na forma de produzir arquitetura, conceber projetos e apresentar soluções adequadas às novas necessidades deste novo jeito de viver.

Analisar o atual modo de se ensinar Arquitetura e projeto pode ser um início quando se pretende identificar os pontos que podem ser melhorados. Devido ao alto número de criação de escolas de Arquitetura no Brasil, a qualidade deste ensino pode estar em declínio, uma vez que se neste contexto necessita-se de mais professores, e estes nem sempre estão bem qualificados para assumir este ensino, que tem papel muito importante na formação universitária e profissional do acadêmico.

CONTEXTO HISTÓRICO

O ensino de arquitetura no Brasil é relativamente recente, datado de 1826, quando o Curso de Arquitetura da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro perdurou sendo a única escola por mais de cinquenta anos. Escola a qual era uma instituição pública e desde seu início recebia alunos de baixa renda, necessitando desta forma de criar-se dispositivos que apoiassem o desenvolvimento do Reino Unido do Brasil que fora criado pela corte portuguesa em 1808. Inicia-se assim oficialmente o ensino de artes e ofícios industriais no Brasil.

Em 1854 a Academia Imperial de Belas Artes cria novas disciplinas e moderniza o ensino, que está sob a direção de Manoel de Araújo Porto Alegre (1806-1879). Nesta nova configuração foi criado a figura do professor catedrático, que se manteve até a sua extinção em 1959, quando já tinha o nome de Escola Nacional de Belas Artes ENBA dado pelo Estado Republicano em 1889.

¹ Arquiteta e Urbanista. Pós – Graduada em Docência do Ensino Superior. Email: cassiabrum@hotmail.com

Se antes, no século XIX, a Academia formava um número reduzido de profissionais, próximo ao século XX essa história mudou de rumo, pois recebia estudantes de níveis sociais mais cultos, impulsionados pelas condições que o franco desenvolvimento proporcionava. Tais condições favoreceram o surgimento de novos cursos de Belas Artes e Engenharias em diversas capitais do país, e devido ao intercâmbio global, expansão dos meios tecnológicos e facilidade de comunicação, as mudanças só tendem a aumentar a partir da metade do século.

Pode-se dizer que toda a história da arquitetura no país está diretamente relacionada com a evolução do pensamento arquitetônico, com o crescimento das populações urbanas e com a mudança da visão filosófica do mundo. Está diretamente relacionada com os governos, que apesar das diferentes orientações que cada um que assume o poder tem, erguiam edifícios emblemáticos como forma de se promoverem e utilizavam a Arquitetura Moderna para demonstrar o progresso do país.

Temos que, o momento da primeira regulamentação profissional se deu em 1933, segundo a ABEA (2003), e existiam em funcionamento quatro escolas de Arquitetura no país, já no ano de 1966 o número era de doze escolas, em 1974 vinte e oito, em 1994 setenta e duas, em 2002 tínhamos cento e quarenta e sete, número o qual só aumentou com o decorrer dos anos seguintes. Sendo que foram entre os anos de 1966 e 1974 e entre 1994 e 2002 os períodos de maior crescimento no número de escolas (SALVATORI, 2008).

ENSINO DE ARQUITETURA X PROFISSÃO DE ARQUITETO NO BRASIL

O posicionamento com relação à composição de diferentes circunstâncias como à época, contexto e forma com que os arquitetos vêm se posicionando a cada etapa de evolução da Arquitetura, contribuiu paralelamente a aspectos econômicos para que se constituísse a Arquitetura no Brasil.

Se na Escola Nacional de Belas Artes prevalecia a figura de professores catedráticos, a criação da Faculdade Nacional de Arquitetura no Rio de Janeiro no ano de 1945 marcou a substituição e inserção por professores que se identificavam com a Arquitetura Moderna, formando um corpo decente que disseminaria os mesmos valores pelas outras escolas no país. Desta forma era necessário além de renovar seus professores, modernizar a essência das disciplinas que tiveram origem na primeira escola, renovando seus conteúdos curriculares e procedimentos pedagógicos, incluindo novas didáticas de ensino.

A Arquitetura brasileira ganhou notoriedade e reconhecimento internacional na década seguinte, e segue para a sua coroação com a construção de Brasília. Neste mesmo contexto, ocorrem diversos encontros entre profissionais, estudantes e professores, para discutir qual identidade a arquitetura deveria tomar, que caminho seguir, para que a mesma ganhasse traços únicos que a representassem e foi definido que essa identidade deveria nascer de uma formação específica.

Como resultado desses encontros, em 1962, o Conselho Federal de Ensino aprovou o primeiro Currículo Mínimo de Arquitetura (Parecer CFE 336//1962), o qual instituiu um conjunto básico de conteúdos correntes e obrigatórios aos programas de ensino de todas as escolas de Arquitetura e Engenharia de todo o país. Deixava-se a partir deste momento de se basear em modelos curriculares, para alçar vãos definidos por autonomia, onde as escolas poderiam escolher sua linha de ensino e sua organização institucional, obedecendo, logicamente, as disposições da CFE a qual determinava que uma formação compreenderia o tempo total de 3.600 horas/aula distribuídos em 10 semestre letivos, sendo que metade destas horas/aula seriam destinadas às disciplinas de projeto ou produto típico da atividade de arquiteto, definição da época.

Definidos os objetivos dos arquitetos, que pode ser compreendido como afirmação profissional após a implementação do Currículo Mínimo, a definição do perfil profissional foi fator que estimulou as demais e subsequentes experiências na área profissional. Porém tal fase teve tempo determinado e interrompida pela Reforma Universitária dos governos militares entre os anos de 1969 e 1972, que deixou de lado o ensino baseado na Universidade do conhecimento e passou a levantar a bandeira da Universidade funcional, muito mais direcionada à formação profissional dentro da universidade e para o mercado de trabalho, segundo Chauí (Rheingantz, 2003).

Sendo assim, de acordo com o novo Currículo Mínimo (Parecer CFE 384/1969) era preciso interromper o processo pelo qual o projeto pedagógico do curso estava passando, reduzindo o período do curso para três anos.

A Arquitetura Moderna que se encontrava de forma hegemônica, perde forma e acontece a fragmentação da situação do campo profissional provocando também o distanciamento entre a classe acadêmica e os profissionais e entidades de representação da classe. Duas tentativas de reformular o Currículo Mínimo, entre os anos 1969 e 1994, impediram o seu aperfeiçoamento, onde numa delas foi proposto a inclusão de questões ambientais e patrimoniais, inclusão de novas tecnologias como a informática, novos laboratórios e a integração da pós-graduação no ensino de arquitetura.

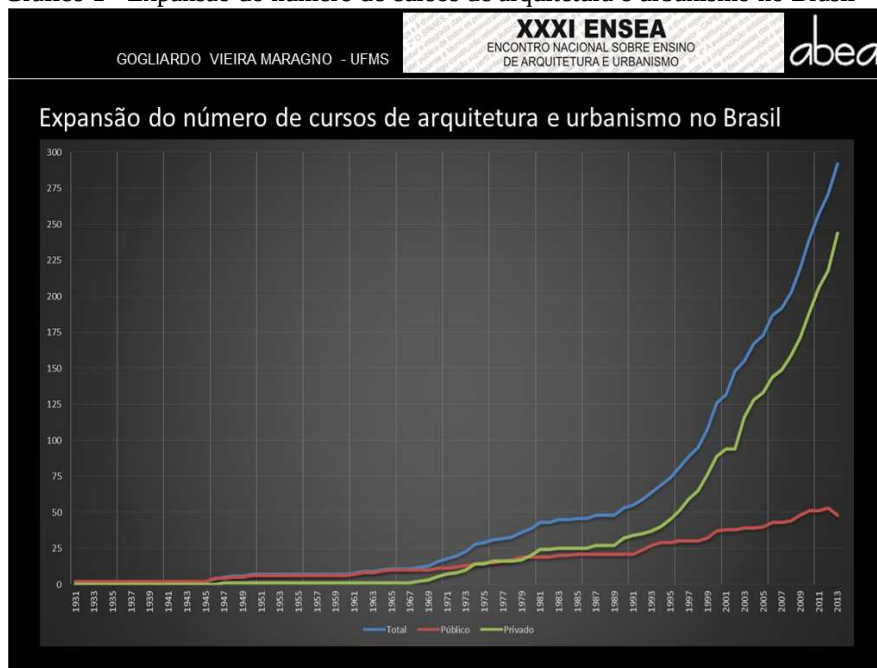
Porém cada escola enfrentou de uma maneira diferente tais questões, e para não aceitar passivamente a dissolução do conceito de perfil profissional que fazia parte originalmente do Currículo Mínimo, diz-se que obtiveram diversas propostas de notável importância. Por isso, pode-se afirmar que a Arquitetura Moderna obteve no Brasil hegemonia enquanto o número de escolas de Arquitetura era reduzido, o campo de atuação profissional estava limitado

a obras de caráter excepcional, não havendo ainda problemas de demanda profissional ou de atuação. Uma vez que o surgimento de diversas circunstâncias gerou transformações, deixou-se de dar continuidade ao papel social da Arquitetura, sendo substituída por produções adequadas às necessidades.

Atualmente, dados divulgados pela ABEA revelam que se continuar neste ritmo, neste ano de 2013, o Brasil atingirá o significativo número de 300 cursos de arquitetura e urbanismo. Para tanto não há restrição para abertura de novos cursos, porém a Associação tem tentado reunir os principais agentes integrantes deste processo, entre eles professores, estudantes, profissionais e a sociedade, para que haja desta forma uma melhor distribuição geográfica e social de cursos e por patamares mais elevados de ensino universitário (ABEA, 2013).

Números revelam que os cursos além de distribuídos desigualmente pelo território brasileiro, são em sua maioria cursos privados, o que nos leva a crer que considerável parte da população que gostaria de cursar Arquitetura e Urbanismo não podem devido à distância territorial em que se encontram de Universidades Públicas ou ao elevado custo para manterem-se em cursos particulares.

Gráfico 1 - Expansão do número de cursos de arquitetura e urbanismo no Brasil



Fonte: ABEA. Disponível em: <http://www.abea-arq.org.br/?p=382>

Situação contraditória, uma vez que a sociedade tem consciência de que precisa cada vez mais dos serviços prestados por profissionais da área, porém os próprios profissionais não encontram dispositivos para se inserir no mercado de trabalho estendendo seus trabalhos em benefícios à totalidade da população.

Portanto, ao se falar em saturação de mercado deve-se antes distinguir o campo de atuação, se é daquele onde o profissional atua de forma autônoma apenas à uma certa camada social ou ao campo de atuação para um novo perfil de profissional, que esta disposto a contribuir para a resolução de problemas arquitetônicos e urbanísticos provenientes do crescimento desenfreado dos grandes centros urbanos, sejam eles em diferentes escalas, e características físicas e sociais.

É nesta forma de atuação, que não apenas os cursos de arquitetura e urbanismo, mas também o recém criado Conselho de Arquitetura e Urbanismo devem manter seu foco. Já foram cogitados diversos dispositivos como um processo próximo a uma residência em arquitetura como acontece com o curso de Medicina, ou ainda um exame de conclusão de curso semelhante ao que acontece no curso de Direito. A ABEA já se manifestou contrária à nestas questões, pois estes não melhorariam a qualidade do ensino ou da formação profissional.

Outra área que merece atenção e preparação é a docência, principalmente na área de Arquitetura, pois as instituições de ensino que oferecem cursos de Arquitetura e Urbanismo, além de focar na preparação do profissional para o atual mercado de trabalho, devem focar também na formação do aluno para um possível caminho para a docência. Segundo Serapião (2008), dos projetos de graduação premiados pelo Prêmio Ópera Prima, 25% dos premiados estão fora da área em áreas correlatas. Do restante que se mantém na área de Arquitetura, 21,8% trabalham em escritórios de terceiros, e 48,43% possuem escritórios próprios. Porém quase metade destes últimos incrementa sua renda proveniente do escritório com a docência, e tem se tornado importante campo de atuação para os arquitetos atualmente.

Desta forma conclui-se que a situação dos cursos de Arquitetura e Urbanismo atual merecem atenção, e exige atitudes sérias que contribuam para a melhoria do mercado de trabalho, da inserção deste recém-formado no mercado de

trabalho, além de cobrarem destes jovens arquitetos e urbanistas, atendimento pleno às necessidades das sociedades que estão suscetíveis ao crescimento das grandes metrópoles.

FOCO DISCIPLINAR NO ENSINO DE ARQUITETURA

O ensino de arquitetura com foco disciplinar é baseado no ensino pragmático, o qual baseia-se em teorias, fundamentos e transmissão de informações. No caso da disciplina de projeto teríamos as regras de composição de projeto, que tem relação direta com matérias técnicas e com tipologias específicas as quais foram norteadas pelo exercício profissional, e utiliza-se de modelos arquitetônicos já existentes, ou de projetos padrões.

Disciplinas como Artes ou Ciências Sociais tornam-se secundárias no ensino pragmático, conferindo apoio à disciplina de projeto, sendo importante para o desenvolvimento de habilidades e treinamento, capacitando o aluno a desenvolver croquis, elaborando programas e selecionando informações correlatas para o desenvolvimento de seus projetos.

Segundo o arquiteto e engenheiro romano Vitrúvio (1960), para se aprender a projetar ou fazer arquitetura algumas disciplinas eram indispensáveis, tais como: Filosofia, História, Desenho, Música, Medicina, Matemática, Direito e Astronomia. Para ele, essas disciplinas deveriam apenas conferir ao arquiteto conhecimentos primários de projetos, não devendo então se obter um conhecimento muito aprofundado, nem tão superficial, uma vez que, o arquiteto tinha que receber conhecimentos de vários ramos de estudo e tipos de aprendizagem para o bom desenvolvimento da arquitetura.

O resultado destes conhecimentos podem perfeitamente contribuir e resultar em informações para o projeto como o programa de necessidades ou em regras específicas e normativas pertinentes a cada campo de projeto.

Além de defender este ponto de vista, acima citado, construção, utilidade e beleza eram critérios que Vitrúvio enumerava para a elaboração de um projeto, sendo que considerava como parte importante da atividade do arquiteto a composição formal do desenho e aparência visual, introduzido por ele através da teoria das proporções matemáticas, posteriormente relacionada ao tamanho, tensão e tonalidade das cordas de instrumentos musicais, comprovando tais propriedades.

Critérios como ordenamento e simetria, organização dos planos e fachadas, harmonia, adequação de estilos e materiais empregados e sua implantação no terreno são compreendidos por Vitrúvio, considerando a beleza como resultado de regras racionais de desenho.

Se considerarmos que Lúcio Costa (1962), durante a reforma da arquitetura no Rio de Janeiro, afirmou que a arquitetura era artes plásticas, temos que a intenção plástica desempenhava papel principal, porém não menos importante que disciplinas relacionadas à Engenharia Civil, como construção. Uma vez que, as artes plásticas deixaram de ter papel coadjuvante ou pertencer à área de ensino complementar, ela passou a ser importante e a receber diferente função no ensino. E se a mesma passava a ter papel principal, para Lúcio Costa, era de grande importância que o estudante de arquitetura deveria conviver com pintores, escultores e pessoas ligadas às artes.

Apontamos assim, a primeira inter-relacionalidade entre outras áreas próximas ou distantes relacionadas ao ensino de arquitetura. Provocando a discussão e análises voltadas para outras disciplinas relacionadas ao ensino universitário, permeando entre o que é conhecimento científico e conhecimento artístico, o primeiro com ênfase em conhecimentos baseados na sensibilidade e o segundo com ênfase na racionalidade.

Baseando-se nos pressupostos de Lúcio Costa, o horizonte das disciplinas ministradas em arquitetura se amplia mostrando que, devido aos diversos ramos que o ensino de arquitetura pode seguir, as possibilidades de se obter novas parcerias adquirem novas dimensões, podendo ser enriquecida.

Através das diferentes disciplinas encontradas em arquitetura, enquanto universidade, e encontrada em outras áreas devido à proximidade de outros cursos que podem se inter-relacionar com áreas da arquitetura, o projeto arquitetônico é o resultado da interpretação de um contexto, submetido a um tema e à condições técnicas, resultante de um embasamento teórico e um preparo intelectual, o qual pode ser disponibilizado pela universidade.

Partindo desta hipótese, podemos afirmar com base nos fundamentos da profissão de arquiteto que é muito mais interessante e proveitoso que os alunos de arquitetura tenham suas aulas ministradas por arquitetos ou profissionais preparados na área diretamente relacionadas à arquitetura e engenharias, pois assim será possível preparar profissionais mais qualificados para exercer as atribuições de arquiteto. Porém isso não isola a importância de os alunos fazerem o intercâmbio com outros cursos, pois o estudo não é concebido no isolamento, e o mesmo é proporcionado devido à proximidade de outros cursos da universidade.

FOCO UNIVERSITÁRIO NO ENSINO DE ARQUITETURA

O ensino de arquitetura sob este ponto de vista inclui no ensino disciplinas acadêmicas integrantes de outras áreas de ensino universitário para a formação do estudante de arquitetura, inserindo o mesmo na cultura universitária, desempenhando funções principais, sendo fonte de informação para a elaboração dos programas de necessidades físicas e o complemento técnico do ensino de arquitetura.

A disciplina de Projeto Arquitetônico é considerada o divisor de águas entre o ensino de arquitetura sob o foco disciplinar e o universitário, desenvolvendo, dentro de outras capacidades, a metal e imaginativa do estudante.

Segundo Alberti (1986), “arquiteto é quem, por certa maravilhosa arte e método, é capaz, com pensamento e invenção, de projetar e elaborar, com beleza (projetos de edificações), (...) para usos diversos da humanidade”.

Desta forma, podemos concluir que Alberti refere-se às disciplinas vinculadas à organização formal da edificação, investindo valor intelectual, conferindo ao projeto uma função civilizatória e cultural.

Para cumprir tal função, foi delegado às disciplinas integrantes do currículo básico, a exemplo nas antigas escolas (belas-artes e politécnica), História e Teoria visavam à formação intelectual do estudante, a de Artes conferia sensibilidade, e a de projeto, capacidade de criação e síntese. No ensino atual, temos diversas disciplinas que podem desempenhar a mesma função, sendo estas disciplinas acadêmicas não vinculadas à Arquitetura.

Entre as áreas de ensino universitário, a troca de informações é o tipo mais elementar de colaboração acadêmica, e a forma mais usual de relacionamento entre as áreas acadêmicas, entre estudantes, é a oferta de disciplinas, onde o mais significativo é a aplicação e o desenvolvimento de teorias e métodos acadêmicos desenvolvidos por outras áreas, à exemplo a Física e a Estatística, que se beneficiaram da Matemática, assim como as duas primeiras também influenciam outras áreas da mesma forma. Se este é um ambiente de mútua interação, os estudos de arquitetura devem se beneficiar e contribuir para tal aplicação.

No ensino de arquitetura, especulação e imaginação, é a forma de relaciona-se com o pensamento. Desta forma, a universidade contribui na preparação do estudante para trabalhar com a forma de diversas maneiras, tais como a arte que desenvolve no arquiteto uma visão a visão de conjunto, a extensão universitária que desenvolve a percepção do real e por último a ciência, que proporciona o aprimoramento do processo intelectual.

Entre as atividades acadêmicas, sem dúvida, a pesquisa desempenha papel especial na formação universitária do estudante relacionada com a descrição e a proposição de formas de desenvolvimento, no que diz respeito a leis, sistemas e princípios. Além de preparar o estudante para a descrição e a interpretação sistemática de fatos observados no ambientes construídos. No entanto, essa inserção do estudante de arquitetura no meio de pesquisas deve ser promovida através de políticas universitárias que promovam a interação e relacionamento acadêmico das áreas de ensino e pesquisa, com uma organização do ensino de arquitetura adequada.

COMO MELHORAR O ENSINO DE ARQUITETURA

Da mesma forma que os profissionais de arquitetura devem agregar mais valor ao futuro com sua produção arquitetônica, é o ensino de arquitetura e a educação que apoia e dá à luz ao futuro da profissão que deve provar que tem sua relevância para tal feito. Dar suporte a evolução do ensino superior é responsabilidade da profissão, uma vez que, apesar do grande número de novos profissionais/ano, tem-se a qualidade deste ensino diminuída, e olhando para o horizonte, este fato é apenas a ponta do iceberg.

Devido à globalização, ao intercâmbio global se tornar cada vez mais normal, e às informações circularem cada vez mais rápido, introduzir algo novo no mercado arquitetônico, se torna cada vez mais difícil, e quase impossível de acontecer. Afinal, quem consegue acompanhar as grandes mudanças que ocorrem nas profissões de projeto? Não seria a hora de profissionais e educadores adotarem um sistema de aprendizagem o qual venha para somar e mudar?

Tais questionamentos vão de encontro ao tão sonhado e almejado sucesso profissional, e a educação profissional vai desempenhar um papel importante nos níveis de sucesso no futuro. Não há como negar que com todas as novas tecnologias inventadas a cada minuto, o nosso conhecimento deva ser cíclico, onde devemos estar sempre nos renovando, seja com novos métodos construtivos, com novos softwares, com novos métodos de trabalho e porque não novos meios de se relacionar.

Sustentabilidade, no mundo atual, é palavra obrigatória em todos os projetos, e nortearam nosso modo de pensar para o futuro. Porém o que se esperar do futuro, como agir através destes novos pensamentos e novas tecnologias e informações que nos chegam a todo o momento? Aceitar sem contestar será certamente a aceitação de que estamos estagnados e fadados a aceitar o empobrecimento do nosso ensino no que diz respeito à nossa produção arquitetônica.

Agir com rapidez é a melhor saída. Devemos estar como um todo, comprometidos com a mudança, caso contrário esta falta de compromisso com a melhoria contínua pode ser o fim das futuras gerações da profissão de arquitetura, trazendo o ensino de projeto para uma frente de posição de valor cada vez mais indispensável.

Para tanto, faz-se necessário uma maior interação entre professores, alunos e profissionais em atuação, para que os mesmos troquem informações e isso possibilite que os futuros arquitetos tenham uma visão real de como está o mercado de trabalho no contexto em que estão inseridos e até mesmo avaliar se é o que desejam, se é este o seu ideal. Experiências como estas beneficiarão a todos que estão diretamente e indiretamente relacionados ao meio, pois uma vez que os profissionais que já atuam na área, que compreendem as reais necessidades e oportunidades, podem ter contato direto com os futuros arquitetos, os mesmos podem traçar metas e direcionar o ensino, antecipando as dificuldades que os mesmos encontrarão depois de formados e já inseridos no mercado de trabalho.

Aproximar os profissionais dos acadêmicos é outra ponte a ser construída entre educação e profissão, tornando-se uma grande oportunidade para que haja na profissão um ensino contínuo de alta qualidade. Projetos sociais ligados à arquitetura é uma grande oportunidade para o início desta ponte.

A insatisfação é outro fator muito decisivo no ensino. Professores e alunos devem estar sempre insatisfeitos, buscando sempre o saber mais, para alimentar a fome de participar no futuro dos desdobramentos da profissão, como parte integrante de grandes mudanças.

A abordagem de outras técnicas relacionadas à comunicação como liderança, autoconfiança e adquirir a capacidade de interpretar o que vemos, podem trazer muitos benefícios aos nossos acadêmicos. Na profissão, não basta apresentar um magnífico projeto, se não soubermos apresentá-lo da maneira correta, ou se não sabemos conduzir esta apresentação a fim de convencer nosso cliente que nós temos a melhor solução para o projeto dele. E o mais importante: que mais ninguém pode fazer por ele, o que você fez neste projeto. Esse é o poder de liderança e a capacidade de se expressar com argumentos satisfatórios em evidência, não deixando dúvidas de que realmente o seu trabalho foi o melhor.

E assim como a internet está para o mundo globalizado, a computação gráfica esta para o desempenho da arquitetura. É uma ferramenta muito dinâmica e acelerou muito os processos de desenvolvimento de projeto, não digo da fase de concepção, na qual podemos fazê-la com os mais diversos meios dependendo apenas de onde estamos quando temos uma grande inspiração para resolver um projeto. Mas refiro-me ao desenvolvimento de projetos arquitetônicos na forma digital, os quais podem ser reproduzidos a partir de um arquivo, seja aqui no Brasil ou em qualquer outro lugar. É a tecnologia a serviço da profissão, trazendo benefícios e celeridade tanto na forma de produzir arquitetura como na forma de se comunicar nos dias atuais. Desta forma, devemos inserir no ensino esta ferramenta e dar suporte para que os futuros profissionais possam ter um bom nível de conhecimento destas técnicas digitais, a fim de depois de formados poderem corresponder à altura o tempo dedicado enquanto estudantes, ao estudo e práticas destas ferramentas.

Sabemos que o futuro sempre vai exigir mais se desejamos ter uma profissão fortalecida, e para atingir este objetivo devemos antes atingir outros tantos um a um, para que consigamos obter uma base sólida de educação e de forma igualitária, para que assim a oportunidade que nos é dada hoje de mudar e melhorar o nosso ensino para posteriormente melhorar a profissão seja de grande valia. Muitos dos estudantes de hoje ainda não tem a menor idéia do que os espera, mas cabe aos educadores em parcerias com os profissionais atuantes, transmitir e dar o rumo a seguir, a fim de formarem profissionais bem qualificados e que possam se inserir no mercado de trabalho sem enfrentar os desafios e dificuldades que hoje muitos enfrentam.

CONCLUSÃO

O trabalho apresentou o início do estudo da Arquitetura no Brasil, e um panorama atual da arquitetura no país e no seu ensino, revelando a necessidade de mudanças com relação ao ensino de arquitetura, propondo mudanças para que se atinja o nível de ensino desejado, estando atualizado com o contexto histórico/social pelo qual passamos, inserindo os profissionais recém – formados no campo profissional, mais preparados para que atendam às necessidades da sociedade e correspondam ao novo estilo de viver e pensar do mundo globalizado.

Verificou-se que atualmente o número de cursos de Arquitetura tem aumentado em ritmo acelerado, e o mesmo processo demanda uma quantidade muito maior de profissionais qualificados para atuar na docência. Esse campo de atuação tem revelado ser de grande importância, exigindo dos profissionais dispostos a entrar em sala de aula, exigindo mais especializações e conhecimento neste campo que está inter-relacionado com outras áreas como a pedagogia.

Portanto para melhorar o ensino de arquitetura no Brasil, devemos insistir no ensino aplicado por profissionais cada vez mais qualificados, instigando a vontade do saber nos seus alunos, e que todos estejam com fome de saber, para que assim consigamos baseados na educação e na troca de experiências, atingir o ideal de uma profissão fortalecida, de fundação sólida e igualitária.

REFERENCIAS

ABEA (Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo) **Quase 300 cursos de Arquitetura e Urbanismo no país: como tratar a qualidade com tanta quantidade?** Acessado em: 30/05/2013, disponível em: <http://www.abea-arq.org.br/?p=382>;

ALBERTI, L. B. **The ten books on architecture**. Nova York: Dover Publication, 1960;

FERREIRA, J. S. W. **Perspectivas e desafios para o jovem arquiteto no Brasil**. Revista Arquitectos. Acessado em: 29/05/2013 Site Vitruvius, disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/12.133/3950>;

HURTADO C. N. **Educar para transformar, transformar para educar: comunicação e educação popular**. Petrópolis: Vozes, 1993. Tradução: Romualdo Dias, Departamento de Educação – UNESP;

MARTINS, J. M. M. T. **Burnout na profissão docente**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto. Porto, Portugal, 2008;

RHEINGANTZ, P. A. **Arquitetura da Autonomia**. In F. LARAS; S. MARQUES (orgs.), *Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e no ensino em projeto*. Rio de Janeiro, Ed. Virtual Científica, 173 p. 2003;

SALVATORI, E. **Arquitetura no Brasil: ensino e profissão**. Arquitetura Revista – vol. 4 (jul./dez. 2008);

SERAPIÃO, F. **O que aconteceu com os premiados do Ópera Prima?** Boletim ARCOWEB. Acessado em: 30/05/2013, disponível em: www.arcoweb.com.br/especiais/o-que-aconteceu-com-os-premiados-do-opera-prima-fernando-serapiao-09-09-2008.html;

VITRUVIUS, M.P. **The ten books on architecture**. Nova York: Dover Publication, 1960;